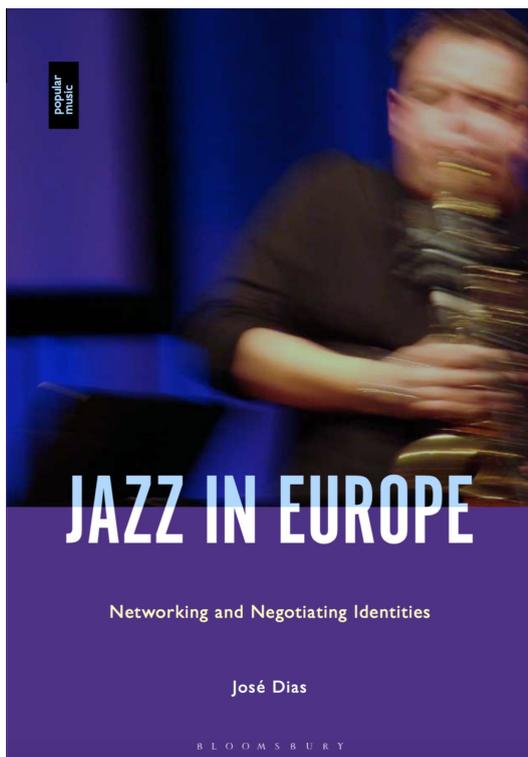


Teresa Lacerda | José Dias (2019), *Jazz in Europe. Networking and Negotiating Identities*

(Recensão Crítica)



José Dias (2019),  
*JAZZ IN EUROPE. Networking and  
Negotiating Identities*,  
London: Bloomsbury Academic, pp.  
ISBN: 9781501346583

Recensão Crítica de  
TERESA LACERDA

*Jazz in Europe: Networking and Negotiating Identities*, editado pela Bloomsbury, foca-se no processo de criação, por parte dos músicos de jazz na Europa, de redes de contactos nas áreas de performance, promoção, meios de comunicação, educação e investigação. Partindo de uma etnografia multisituada – utilizando como casos de estudo o festival itinerante *12 Points* (sediado em Dublin) e a editora lisboeta *Sintoma Records* – e da sua experiência pessoal enquanto músico de jazz, José Dias aborda o modo como o contexto europeu molda o *networking*. Através desses dois exemplos, explora o modo como Irlanda e Portugal são países europeus entendidos como “periféricos”, e as consequências da crise financeira global nos seus meios culturais. Percorre concepções de identidade, estrutura social, mobilidade, democracia – aos níveis local e global. Reflete sobre os papéis da educação, demografia dos fãs, meios de comunicação, e ainda a relevância das mudanças tecnológicas na disseminação online, crescimento dos músicos independentes e cultura DIY (Do It Yourself) (pp. 1-4).

Teresa Lacerda | José Dias (2019), *Jazz in Europe. Networking and Negotiating Identities*

(Recensão Crítica)

---

Na primeira página do capítulo introdutório, o autor apresenta a problemática da identidade cultural europeia:

In fact, one could argue that there are several ‘Europes’, where numerous kinds of jazz are being made. Both Europe and European jazz take on different meanings depending on the context in which they are being contemplated. Early in my exploratory work, the discourse on European jazz seemed often associated with the notion of a pan-European art form.

O primeiro capítulo, “Researching jazz in Europe today”, oferece um sucinto e eficaz *estado da arte* e reafirma a escolha da expressão “jazz na Europa” em detrimento de “jazz europeu” (pp. 5-7)]. Define uma *network* de jazz como uma estrutura social multidimensional, construída através de relacionamentos formais e informais entre indivíduos unidos pelo interesse comum na promoção, performance e/ou consumo de jazz (pp. 7-9). Argumenta que se trata de uma estratégia eficaz utilizada por músicos de jazz para conseguirem financiamentos e apoios institucionais. No entanto, poder-se-ia afirmar que o mesmo é válido para outros géneros musicais, ou até outras actividades no meio artístico.

No subcapítulo “‘Locality’ versus ‘glocality’” relaciona a estética dos clubes de jazz na Europa com a teoria de Marc Augé dos “não-lugares”, através de uma colorida narrativa na primeira pessoa (13-14):

when entering different jazz clubs and attending jazz concerts across Europe, I could often forget which country I was in. From Hot Clube in Lisbon, to Jamboree Jazz Club in Barcelona, the Unterfahrt in Munich or La Fontaine in Copenhagen, we can see the same iconographic elements: print-memory from previous local jazz festivals, pictures of jazz musicians, and even the display of old trumpets or saxophones on the wall. When combined, these elements nurture a narrative and convey a very precise message: you are in a jazz club. Apart from the local dialect featured on the flyers lying on the tables, almost everything else loses its locality. That jazz club could be anywhere else in Europe, if not anywhere else in the world and even maybe at any time in modern history. In most cases, those iconic elements and narratives seem to be used as ways to legitimize a place’s jazz authenticity; and as result of that, local features appear to be constantly blurred by global communicational codes.

José Dias utiliza processo na exploração da dicotomia “local” e “global” para explicar o modo como interpreta a Europa como uma *network* cultural e salientar as incongruências entre o discurso oficial (em que a Europa é representada como um todo cultural) e a realidade multidimensional (ao ser composta por uma variedade de

Teresa Lacerda | José Dias (2019), *Jazz in Europe. Networking and Negotiating Identities*

(Recensão Crítica)

---

identidades nacionais). Os valores políticos e sociais europeus actuais incluem democracia participativa e pluralista, humanismo liberal, liberdade de ideias, de crenças e de associação – em muito inspirados pelo modelo democrático dos EUA (14-17). Neste contexto, aumentou a procura dos produtos culturais americanos que representassem esses valores, como o jazz – para o qual também contribui o apreço dos músicos de jazz pela legitimação do seu trabalho por toda a Europa, validado e ensinado nos conservatórios enquanto “música séria americana”. No entanto, o autor relembra que essa visão pacificadora entra em conflito com a história do jazz, marcada por tensões raciais, sociais, económicas e estéticas – na medida em que se trata de música negra controlada por indústrias da música brancas (19-27). Aponta igualmente o modo como a visão eurocêntrica da cultura também se verifica no jazz, citando, a título de exemplo, uma entrevista publicada no *European Voice*, o relatório da conferência *Music in Europe*: “And before anyone grumbles at Belgium’s ‘boring’ credentials for holding such an event, ask yourself where Charlie Parker or John Coltrane would have been without Adolph Sax, the Belgian who invented the saxophone?” (30)

Grupos de jazz com músicos europeus de diferentes nacionalidades eram utilizados como metáfora para o sucesso da União Europeia (EU), o que era favorável no momento de concorrer a financiamentos a curto e longo prazo, assegurados pelas políticas culturais da EU (29-32). Essa componente idealista é evidente no mote da *Europe Jazz Network* (EJN) “*crossing borders – connecting people*”. José Dias defende que a capacidade de angariar fundos é essencial à manutenção das *networks* de jazz – sejam locais, nacionais ou transnacionais – e que o sucesso nesse processo aumenta a exposição e facilita a atracção de futuros financiamentos. Apesar de observar que a EJN está consciente que este aspecto económico é essencial para sua sustentabilidade, não deixa de verificar que o discurso do antigo director Again Tofoni procurava distanciar-se de uma mentalidade comercial (33-38).

José Dias conclui este rico primeiro capítulo salientando que, para entender as *networks* globais, é necessário compreender as *networks* locais e as dinâmicas geopolíticas, culturais, sociais e económicas em que estão inseridas. Reforça ainda que é nas *networks* locais que é mais evidente o processo de passagem de *network* informal para formal, à medida que vão crescendo e angariando apoios locais, nacionais e europeus (41-42).

Teresa Lacerda | **José Dias (2019), *Jazz in Europe. Networking and Negotiating Identities***

(Recensão Crítica)

---

O segundo capítulo, “Challenges for European jazz networking”, incide sobre a dificuldade que o jazz tem em competir por financiamento, patrocínios, audiências e cobertura mediática, quando comparado com outros géneros musicais; os desafios introduzidos pelo mundo digital; e ainda a ameaça dos movimentos nacionalistas que desafiam os ideais europeus de integração e mobilidade. Começa por caracterizar as audiências de jazz como estando em crescimento gradual (ainda que bem longe de ser um fenómeno massificado) e sendo maioritariamente adulta e de classe média-alta. O autor afirma que, apesar de o jazz ser percepcionado como um género musical maioritariamente masculino, estudos recentes demonstram que a diferença entre o número de homens e mulheres é reduzida (43-46). Esta observação merecia ser aprofundada com levantamento de hipóteses explicativas dessa menor visibilidade da audiência feminina.

Prosseguindo para os desafios, refere que o jazz na actualidade engloba uma grande variedade de subgéneros e música de fusão (com *blues, world music, folk* e electrónica, entre outros), o que faz com que audiências e patrocinadores tenham dificuldade em entender antecipadamente no que estão a investir (47). Outra dificuldade prende-se com a predominância da rádio como meio de difusão do jazz, o que gera uma desconexão com os consumidores mais jovens, pois estes utilizam mais as redes sociais. Ainda assim, os promotores de jazz em vários países europeus denunciam a falta de estações de rádio estatais dedicadas ao jazz – fenómeno que não se verifica na música clássica (47-49).

Avançando para a sensível questão do financiamento, os promotores de jazz afirmam ser prejudicados nos apoios, comparativamente à música clássica ou géneros musicais patrimonializados. Por outro lado, preocupam-se com a utilização desses financiamentos em eventos de entrada livre, porque promovem, no público, o hábito de não pagar para ouvir jazz. No entanto, a rejeição de uma mentalidade comercial dificulta o entendimento com potenciais patrocinadores que pudessem servir de alternativa aos subsídios (49-50).

No que respeita à educação, programas de intercâmbios na Europa têm permitido aos estudantes de jazz integrar *networks* nacionais e transnacionais. Contudo, o autor salienta que tal não é suficiente para fazer frente à precariedade e à falta de oportunidades de emprego que os músicos encontram quando entram no mercado de trabalho. Refere ainda que o ensino de jazz (e aqui poder-se-ia dizer que o mesmo é válido

Teresa Lacerda | José Dias (2019), *Jazz in Europe. Networking and Negotiating Identities*

(Recensão Crítica)

---

para a educação musical como um todo) falha quando não compreende o mercado actual e, por isso, não inclui conteúdos de produção e disseminação musical (53-58).

Finda a exposição, José Dias dedica o terceiro capítulo, “Current strategies”, às respostas dos músicos de jazz a esses entraves. Aborda o movimento DIY e o modo como permitiu a autopromoção e independência de grandes editoras, através de um contacto mais próximo com as audiências, via redes sociais, e da revalorização dos fonogramas enquanto objecto de culto (59-71). Refere o álbum *Appjenou?!* como um exemplo de criatividade e experimentação desenvolvido pelo trio de jazz *Tin Man and the Telephone* (71):

It is basically a set of five tracks recorded by the trio, which can be manipulated by the users. The app allows users to turn different instruments on and off, adjust separate volumes, and even choose and combine different solo takes – from a total of three pre-recorded per instrument/per track. [...] The app features other options, which are also projected on screen during shows, such as throwing virtual tomatoes or bras at the band according to the likes for what is being played at the moment, choosing and isolating one of the band members to take a solo, and selecting one of the following five options: ‘theme’, ‘piano solo’, ‘bass solo’, ‘drum solo’ or ‘please stop! I hate jazz’.

Aqui teria sido outro momento interessante para questionar se a expectativa de um trio – constituído apenas por homens – de receber soutiens como recompensa por uma boa performance, não teria algo a ver com a já referida percepção do jazz enquanto meio masculino, apesar de quase metade da sua audiência ser feminina.

No quarto capítulo, “Giving voice to ground players”, José Dias aprofunda os casos de estudo do festival *12 Points*, que acompanhou durante cinco edições, e da editora *Sintoma Records*, tendo feito parte do processo de tomada de decisões no conselho informal desta última, e através da qual lançou dois álbuns. Ao espelhar os papéis duplos de investigador e músico, este capítulo tem um cunho pessoal forte que o torna especialmente envolvente.

*12 Points* é um festival itinerante que oferece doze performances de jovens artistas de doze nacionalidades europeias, promovendo o ideal de jazz pan-europeu. O director do festival, Gerry Godley, assistiu às consequências que a crise financeira e a Troika tiveram no meio artístico do seu país, Irlanda, pelo que fez do festival uma janela de oportunidade para músicos dos chamados “países periféricos” (77-81). A programação do festival inclui

Teresa Lacerda | José Dias (2019), *Jazz in Europe. Networking and Negotiating Identities*

(Recensão Crítica)

---

debates entre promotores, chefias de associações de jazz locais e nacionais, representantes de *networks* nacionais e internacionais, proprietários de estabelecimentos e jornalistas. A discussão atravessa temas como: consumo de jazz, procura de novas experiências culturais, regresso do vinil, necessidade de uma melhor comunicação com as audiências e jornalistas, promoção do jazz junto dos jovens, estado da educação musical, consequências da crise e como aplicar os financiamentos existentes, preponderância do movimento DIY, entre outros (83-115). José Dias ressalva que o que torna possível um festival como *12 Points* é a mobilidade garantida na EU pela política de fronteiras abertas. Os seus entrevistados reforçaram que é precisamente essa mobilidade que lhes permite lançar álbuns, tocar com e ter audiências por toda a EU (115-116).

Nas entrevistas que realizou, o autor observou que vários músicos se distanciam do termo jazz, utilizando expressões como “I hate labelling” ou “I make improvised music”. Considera que tal resulta da já referida abrangência do jazz e da expansão da música de fusão (126-128). Avança que a academia poderia contribuir para o futuro do jazz na Europa, participando neste e noutros debates (129-132).

Prosseguindo para o segundo estudo de caso, *Sintoma Records*, José Dias explica o funcionamento da editora à qual está associado desde o lançamento dos seus álbuns em 2013. Sediada em Lisboa, a *Sintoma* disponibiliza uma plataforma para lançar álbuns gratuitos online – ainda que as contribuições financeiras voluntárias sejam bem-vindas e incentivadas. Estabelece pontes entre músicos independentes e profissionais de outras áreas como engenheiros e técnicos de som, designers gráficos, fotógrafos e editores de vídeo (132-133). João Firmino, um dos criadores da *Sintoma*, declara que a editora oferece exposição e garante autonomia, num formato DIY (134-141). Chega ainda a rejeitar um maior envolvimento monetário (140):

So, what we decided was that, instead of doing all the production work for the musicians, we would help musicians doing that work by themselves. Sintoma doesn't have any money, it doesn't make any money and it simply cannot give money to anyone. What we do is help musicians do things by themselves. And even if Sintoma ever becomes a formal association, we have to make sure there is no money involved, because the moment there is money involved, the whole idea falls apart. Work should always be voluntary.

O autor conclui retornando à ideia da Europa enquanto *network* de cidades e culturas e às *networks* de jazz como metáfora do projecto europeu (multiculturais, sem

Teresa Lacerda | **José Dias (2019), *Jazz in Europe. Networking and Negotiating Identities***

(Recensão Crítica)

---

fronteiras, integradoras), por vezes espelhando os paradoxos entre esses ideais e as desiguais realidades dos países que compõem a EU. Tratam-se de relações dinâmicas entre o local, o regional, o nacional e o pan-europeu, que unem músicos, promotores, audiências, académicos e responsáveis pelas políticas culturais (143-146). O livro *Jazz in Europe: Networking and Negotiating Identities* é fruto dessa dialética. Pauta-se pela riqueza de informações, oscilando entre uma visão abrangente da problemática e as nuances e subjectividades que emergem de uma experiência vivida na primeira pessoa.

**Teresa Lacerda**

Investigadora e gestora de ciência no INET-md (Instituto de Etnomusicologia. Centro de Estudos em Música e Dança), Teresa Lacerda iniciou o contacto com a música em 1998, na Companhia da Música (Braga), onde obteve, em 2012, o 8º grau do Curso Secundário de Piano em regime supletivo. Ingressou na Licenciatura em Ciências Musicais na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (FCSH-UNL) em 2012, curso que concluiu em 2015. Lecionou piano entre 2013 e 2015, nas escolas Happiness Street e Clube dos Sons, assim como em regime particular. Em 2015, lecionou Educação Musical na Escola Básica do Convento do Desagravo, integrada no plano de Actividades de Enriquecimento Curricular. Em 2020 concluiu o mestrado em Ciências Musicais - vertente Etnomusicologia, na FCSH-UNL, com a dissertação *Música e Turismo no Estado Novo: Actividade musical na vila termal de Vidago (1933-1974)*.